

PARTE 1

# CONHEÇA O SENHOR



## CAPÍTULO 1

# O ESTUDO DE DEUS

**E**m 7 de janeiro de 1855, o ministro da Capela da rua New Park, em Southwark, iniciou seu sermão matutino da seguinte forma:

Tem sido dito que o “estudo apropriado da humanidade é o homem”. Eu não refutarei a ideia, mas creio que seja igualmente verdadeiro que o estudo apropriado do eleito de Deus seja Deus; o estudo apropriado de um cristão é a Divindade. A mais elevada ciência, a mais sublime especulação, a mais poderosa filosofia, que jamais poderá ocupar a atenção de um filho de Deus, é o nome, a natureza, a pessoa, a obra, os feitos, e a existência do grande Deus a quem ele chama de seu Pai.

Há algo de *extraordinário desenvolvimento para a mente* na contemplação da Divindade. É um assunto tão vasto que todos os nossos pensamentos ficam perdidos em sua imensidão; tão profundo que nosso orgulho fica submerso em seu infinito. É possível compreender outros assuntos e tratar deles, e neles sentirmos uma espécie de autossatisfação, e continuar tendo o pensamento: “Vejam como sou sábio”. Entretanto, quando chegamos a esta ciência sublime, ao constatar que nosso fio de prumo não pode sondar sua profundidade e que nosso olho de águia não pode enxergar sua altura, abandonamos o pensamento de que o homem, em sua vaidade, seja sábio, pois ele é como um asno selvagem; e fazemos uma solene exclamação: “Nasci ontem e nada sei”. Nenhum assunto de contemplação tenderá mais a humilhar a mente do que os pensamentos acerca de Deus...

Contudo, ao mesmo tempo em que o assunto *humilha* a mente, ele também a *desenvolve*. Aquele que frequentemente pensa em Deus terá a mente mais abrangente do que o homem que simplesmente se arrasta por este estreito globo... O mais

excelente estudo para desenvolver a alma é a ciência de Cristo, e ele crucificado, e o conhecimento da Divindade na gloriosa Trindade. Nada aumentará mais o intelecto, nada enaltecerá mais toda a alma do homem quanto uma investigação devota, diligente e continuada do grande assunto da Divindade.

E, ao mesmo tempo em que humilha e expande, este assunto é eminentemente *consolador*. Oh!, existe, ao contemplar Cristo, um bálsamo para cada ferida; ao refletir sobre o Pai, há o fim de toda tristeza; e, na influência do Espírito Santo, há um bálsamo para cada chaga! Deseja cessar o seu pesar? Deseja suprimir suas preocupações? Então vá e mergulhe no mais profundo mar da Divindade; perca-se em sua imensidão e você sairá como de um sofá de descanso, revigorado e fortalecido. Eu não conheço algo que possa confortar tanto a alma, acalmar as ondas de tristeza e dor, trazer paz para os ventos da provação, como uma meditação piedosa sobre a Divindade. É para refletir sobre este assunto que eu o convido nesta manhã...

Essas palavras, ditas há mais de um século por C. H. Spurgeon (naquele tempo, incrivelmente, com apenas 20 anos de idade), foram verdadeiras naquele tempo e são verdadeiras agora. Elas formam um prefácio propício para uma série de estudos sobre a natureza e o caráter de Deus.

### QUEM PRECISA DE TEOLOGIA?

“Mas espere um minuto”, alguém diz, “diga-me uma coisa. A nossa jornada é mesmo necessária? Nos dias de Spurgeon, como sabemos, as pessoas achavam teologia algo interessante, mas eu a considero enfadonha. Por que alguém precisa separar um tempo, hoje, para o tipo de estudo que você propõe? Não é correto que uma pessoa leiga mediana pode viver sem ela? Afinal, este é o século 21, não o 19!”

Essa é uma pergunta justa, mas existe, creio, uma resposta convincente para ela. Quem questiona deste modo claramente pressupõe que um estudo da natureza e do caráter de Deus não será prático ou relevante para a vida. Porém, este é, de fato, o projeto mais prático em que alguém pode se engajar. Conhecer a Deus é algo crucialmente importante para a nossa vida. Da mesma maneira que seria cruel colocar um homem de uma tribo amazônica, alguém que não conhecesse nada de inglês ou da Inglaterra, num voo para Londres e largá-lo na Trafalgar Square sem qualquer explicação e deixá-lo se virar sozinho, da mesma maneira seremos cruéis conosco se tentarmos

viver neste mundo sem conhecer a Deus, a quem o mundo pertence e que o governa. O mundo se torna um lugar estranho, perigoso e doloroso, e viver nele, um negócio decepcionante e desagradável para aqueles que não conhecem a Deus. Desconsidere o estudo de Deus e você sentenciará a si mesmo a viver tropeçando e cambaleando pela vida como se estivesse de olhos vendados, sem nenhum senso de direção e nenhuma compreensão do que o cerca. Desta forma, você pode desperdiçar sua vida e perder a sua alma.

Reconhecendo, assim, que o estudo de Deus é valioso, nos preparamos para começar. Mas de onde partiremos? Obviamente, só podemos iniciar a partir de onde estamos. Isso, porém, significa partir no meio de uma tempestade, pois a doutrina de Deus representa o meio da tempestade em nossos dias. O chamado “debate sobre Deus”, com suas frases espantosas: “nossa imagem de Deus deve desaparecer”; “Deus está morto”; “podemos cantar o Credo, mas não podemos recitá-lo” – está bradando de todos os lados. Ouvimos que “a doutrina de Deus” como os cristãos a têm praticado historicamente é um tipo refinado de bobagem e que o conhecimento sobre Deus é absolutamente desprezível. Os tipos de ensino que professam esse tipo de conhecimento são rejeitados como arcaicos: “calvinismo”, “fundamentalismo”, “escolasticismo protestante”, “a velha ortodoxia”. O que devemos fazer? Se adiarmos nossa viagem até a tempestade se acalmar, é possível que nunca comecemos.

Minha proposta é a seguinte: você conhecerá, por experiência própria, aquilo que o peregrino de Bunyan fez quando sua esposa e filhos o chamaram para desistir da jornada que estava para começar. Ele “colocou seus dedos nos ouvidos e correu gritando: ‘vida, vida, vida eterna’”. Eu lhe peço que, por enquanto, feche seus ouvidos para aqueles que lhe dizem que não existe uma estrada para o conhecimento de Deus e ande um pouquinho comigo para, então, ver. Afinal, só é possível provar o pudim se o comer, e aquele que estiver seguindo por uma estrada conhecida não ficará muito preocupado se ouvir de outros que não estiverem nela que aquela estrada não existe.

Com tempestade ou sem ela, começaremos. Mas como determinaremos nossa direção?

Cinco verdades básicas, cinco princípios do conhecimento de Deus que os cristãos possuem, determinarão toda a nossa direção. São eles:

1. Deus tem falado ao homem, e a Bíblia é a sua Palavra dada a nós a fim de nos tornar sábios para a salvação.
2. Deus é Senhor e Rei sobre o seu mundo; ele governa todas as coisas para sua própria glória, mostrando suas perfeições em tudo o que faz, a fim de que homens e anjos possam louvá-lo e adorá-lo.

> 18 O CONHECIMENTO DE DEUS

3. Deus é Salvador, ativo em amor soberano por meio do Senhor Jesus Cristo para resgatar da culpa e do poder do pecado os que creem, para adotá-los como seus filhos e para abençoá-los, conseqüentemente.
4. Deus é Trino; há, dentro da Divindade, três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e a obra de salvação é uma obra em que todos os três agem conjuntamente: o Pai, propondo a redenção; o Filho, assegurando-a; e o Espírito, aplicando-a.
5. Piedade significa responder a revelação de Deus em confiança e obediência, fé e adoração, oração e louvor, submissão e serviço. A vida deve ser vista e vivida à luz da Palavra de Deus. Isto, e nada mais, é a verdadeira religião.

À luz destas verdades gerais e básicas, examinaremos, agora, em detalhes, o que a Bíblia nos mostra acerca da natureza e do caráter do Deus de quem estamos falando. Estamos na posição de viajantes que, após examinar uma grande montanha a distância, de percorrê-la em seu entorno, de observar como ela domina a paisagem e determinar as características da região ao seu redor, agora nos aproximamos diretamente dela com a intenção de escalá-la.

## OS TEMAS BÁSICOS

O que esta escalada vai envolver? Quais são os temas que irão nos ocupar?

Teremos de tratar da *divindade* de Deus, as qualidades divinas que separam Deus dos homens e marcam a diferença e distância entre o Criador e suas criaturas: qualidades como sua autoexistência, sua infinitude, sua eternidade, sua imutabilidade. Teremos de lidar com os *poderes* de Deus: sua onipotência, sua onisciência, sua onipresença. Teremos de lidar com as *perfeições* de Deus, os aspectos de seu caráter moral que são manifestados em suas palavras e obras – sua santidade, seu amor e misericórdia, sua verdade, fidelidade, bondade, paciência e justiça. Teremos de observar o que o agrada, o que o ofende, o que desperta a sua ira, o que lhe traz satisfação e alegria.

Para muitos de nós, estes são assuntos comparativamente pouco familiares. Mas não foi sempre assim para o povo de Deus. Houve um tempo quando o tema acerca dos atributos de Deus (como eram chamados) era visto com tanta importância que foi incluído no catecismo ensinado em todas as igrejas e se esperava que todos os membros adultos o soubessem. Deste modo, a quarta questão no Breve Catecismo de Westminster, “Quem é Deus?”, encontrava a